

Entrevista

Exposição “La Route de Soi”: entrevista com Phillipe Dubé

Nádia Maria Weber Santos¹

Resumo:

Sob a direção científica de Catherine Bertho Lavenir (Sorbonne Nouvelle) et Philippe Dubé (Université Laval), esta exposição foi realizada por uma equipe de artistas e de profissionais de museografia, para a qual alguns estudantes de segundo ciclo (Mestrado) contribuíram diretamente como parte de sua formação no DESS em Museologia. Foi uma exposição experimental sediada no EXPOLAB do LAMIC (Laboratório de Museologia e de Engenharia da Cultura da Université Laval/Québec/Canadá), durante todo o 81º Congresso do ACFAS (Association francophone pour le savoir). Os organizadores ofereceram uma rara possibilidade de viver uma experiência através dos diários pessoais de Anne-Marie Palardy, depositados nos Arquivos de Sagamie em Saguenay (Fundos J.-E.-A. Dubuc-Anne-Marie Palardy) e no Fundo Museal da mesma família Dubuc, guardados em Pulperie de Chicoutimi. O produto final foi uma exposição em uma sala altamente técnica (EXPOLAB), tendo uma superfície de 100 metros quadrados, podendo acolher certo número de visitantes num certo período. Esta realização faz parte de um processo de formação para a valorização do patrimônio (aqui, arquivos escritos), a partir de meios que a tecnologia digital oferece atualmente ao campo da cultura. A museologia terá que se confrontar com estes novos patrimônios e deverá encontrar meios originais de valorizá-los. Esta realização experimental permite mostrar novos caminhos que o museu nem sempre tem tempo de explorar.

Palavras-chave: Museologia, Escrita-de-si, Exposição experimental, Patrimônio Cultural, Diários de viagem, Cultura Digital.

"La Route de Soi" Exhibition: interview with Philippe Dubé

Abstract:

Under the scientific direction of Catherine Bertho Lavenir (Sorbonne Nouvelle) and Philippe Dubé (Université Laval), this exhibition was created by a group of artists and museography professionals, with the direct contribution of Museology Masters students. It was an experimental exhibition based on the EXPOLAB of LAMIC (Museology and Culture Engineering Laboratory of Université Laval/Québec/Canada). The event organisers offered a rare opportunity to experience the travel journals of Anne-Marie Palardy, located in the Sagamie Archives in Saguenay (J.-E.-A. Duboc-Anne-Marie Palardy *fonds muséal*) and in the

¹ Historiadora, professora do Programa de Pós Graduação em Memória Social e Bens Culturais do Unilasalle.

fonds muséal of the family Duboc, located in Pulperie de Chicoutimi. The final product was an exhibition in a highly technical room (EXPOLAB) with an area of 100 square metres which could receive a certain number of visitors in a certain time. This event is part of a formation process of patrimony valorisation (here, written archives) through means offered by today's digital technology in the field of culture. Museology will have to deal with these new patrimonies and will need to find original means to valorise them. This experimental realisation allows the visitor to explore new ways which a museum does not always have time to do.

Key words: Museology, Self-writing, Experimental Exhibition, Cultural Patrimony, Travel Journal, Digital Culture.

Exposition “La Route de Soi”: entretien avec Philippe Dubé

Résumé:

Sous la direction scientifique de Catherine Bertho Lavenir (Sorbonne Nouvelle) et Philippe Dubé (Université Laval), cette exposition a été réalisée par une équipe d'artistes et de professionnels en muséographie, à laquelle les étudiant(e)s de 2^e cycle ont contribué directement dans le cadre de leur formation au DÉSS en muséologie. C'était une exposition expérimentale qui s'a tenue dans l'EXPOLAB du LAMIC (Laboratoire de Muséologie et d'ingénierie de la Culture de l'Université Laval) pour toute la période du 81^{ème} Congrès de l'ACFAS. Les organisateurs ont offert une rare occasion de vivre une expérience à travers les journaux personnels en dépôt aux Archives de la Sagamie à Saguenay (notamment le fonds J.-E.-A. Dubuc-Anne-Marie Palardy) et le fonds muséal de la même famille Dubuc en réserve à la Pulperie de Chicoutimi. Le produit final a été une exposition dans une salle hautement technique (EXPOLAB) ayant une surface de 100 mètres carrés pouvant accueillir un certain nombre de visiteurs sur une période donnée. Ceci s'inscrit dans une démarche de formation en matière de valorisation du patrimoine (ici archives écrites) à partir des moyens que la technologie numérique offre actuellement au champ de la culture. La muséologie aura à se confronter à ces nouveaux patrimoines et devra trouver des façons originales de les valoriser. Cette réalisation expérimentale permet d'explorer des avenues nouvelles que le musée n'a pas toujours le temps de faire.

Mots clés : Muséologie, écriture du soi, exposition expérimentale, patrimoine culturel, carnets de voyages, culture numérique.



Fotografia de Philippe Michon – entrada da exposição

Por ocasião do 81º Congresso da ACFAS (Association francophone pour le savoir), de 6 a 10 de maio, no campus da Université Laval, na cidade de Québec/Canadá, aconteceu a exposição multimídia LA ROUTE DE SOI, no *EXPOLAB* – espaço de tecnocultura do *LAMIC* (Laboratoire de Muséologie et d'ingénierie de la Culture de l'Université Laval). A exposição foi concebida a partir de um projeto de pesquisa realizado em parceria pelos professores *Catherine Bertho Lavenir* (de l'Université de la Sorbonne Nouvelle) e *Phillipe Dubé* (atual diretor do LAMIC e professor do departamento de história da Univ. Laval). Em um espaço museográfico original (uma sala do *EXPOLAB*), os idealizadores (auxiliados por estudantes e artistas) apresentaram os diários de viagem da quebequense Anne-Marie Palardy, quando esta viajou pela Europa, entre 1907 e 1923. Na original museografia, assinada por Phillippe Dubé, tem-se uma sala retangular branca, à meia-luz, em cujas paredes maiores ficam passando constantemente filmes sobre o período em questão (concebidos pelo videomaker Olivier Breton) e onde estão expostos sete objetos/esculturas em papel (concebidos para a

exposição pela artista plástica Julie Picard), também brancos, cada um contendo um título e uma temática referentes a um dos “carnets de voyages”. A cada momento distinto, acende-se a luz de um dos objetos e ouve-se a “voz” de Anne-Marie, que narra, diretamente de seu diário, episódios de suas viagens.

O público vai descobrindo aos poucos, a partir da concepção de Phillippe Dubé e Catherine Lavenir, na evocação da narrativa da viajante, as ideias dessa mulher do pequeno vilarejo de Chicoutimi/Québec, a qual vai ao encontro da ‘modernidade’, curiosa por tudo o que a Europa poderia lhe oferecer. A questão de fundo, ligada à noção de “escrita-de-si”, que norteou os pesquisadores nesta exposição, resume-se em pensar como apresentar um material intangível como as impressões escritas de viagem, na medida em que restam materialmente apenas pequenas cadernetas de notas e algumas fotografias da época.

Ao longo de sua trajetória, Phillip Dubé, historiador e museólogo, concebeu muitas exposições em Québec e publicou várias obras, incluindo a organização de um profícuo livro, junto com Yves Bégeron, chamado “Mémoire de *Mémoires*” (PUL, 2009), que é um estudo de vários autores renomados sobre a exposição inaugural do Musée de la Civilisation de Quebec, chamada *Mémoires*. Vale a pena conferir. Atualmente dedica-se ao estudo e à pesquisa de práticas de museologia popular e de exposições².

Quanto à Catherine Bertho Lavenir, com doutorado em antropologia histórica pela EHESS de Paris, ela foi recentemente nomeada reitora da Academia da Martinica. Até então, professora da Sorbonne Nouvelle Paris 3 desde 2003 e Vice-presidente encarregada da política do pessoal e da Igualdade Mulheres Homens, ela fundou a Chaire d’Études de la France contemporaine na Université de Montréal (2006-2007) e publicou as seguintes obras: “Télégraphes et Téléphones, de Valmy au microprocesseur”, 1981, “Histoire des médias de Diderot à Internet”, 1996, “La Roue et le Stylo, comment nous sommes devenus touristes”, 1999, “La Démocratie et les Médias, 2000 e Voyages à Vélo”, 2011. Ela é Chevalier de l’ordre national du Mérite et Chevalier de la Légion d’Honneur. Atualmente, uma especialista em pesquisa sobre “escritas de si”, uma das idealizadoras da exposição “La Route de soi”.

Como se deu a descoberta deste material riquíssimo que contém, entre outros, os diários de viagem da quebequense Anne-Marie Pallardy?

A descoberta destes Diários-Cartas foi feita pela internet através das pesquisas de Catherine Bertho Lavenir, especialista em literatura de viagem e escrita-de-si (*La roue et le*

² Ver detalhes em: <http://www.hst.ulaval.ca/le-departement/personnel/professeurs/museologie/dube-philippe/>

stylo, comment nous sommes devenus touristes, 1999, Odile Jacob), quando ela era pesquisadora convidada na Universidade de Montreal em 2006, a título de titular da Chaire de estudo da França contemporânea.

[http://www.banq.qc.ca/documents/a_propos_banq/nos_publications/revue_banq/Revue3_banq2011_BR-complet.pdf]. Conhecendo Catherine há alguns anos, uma vez que ambos partilhamos o interesse pela ‘midiologia’ criada pelo filósofo-escritor Régis Debray, eu me ofereci a acompanhá-la em sua primeira viagem a Saguenay. Daí, nasceu um pequeno projeto sobre « cenografar a palavra escrita ».

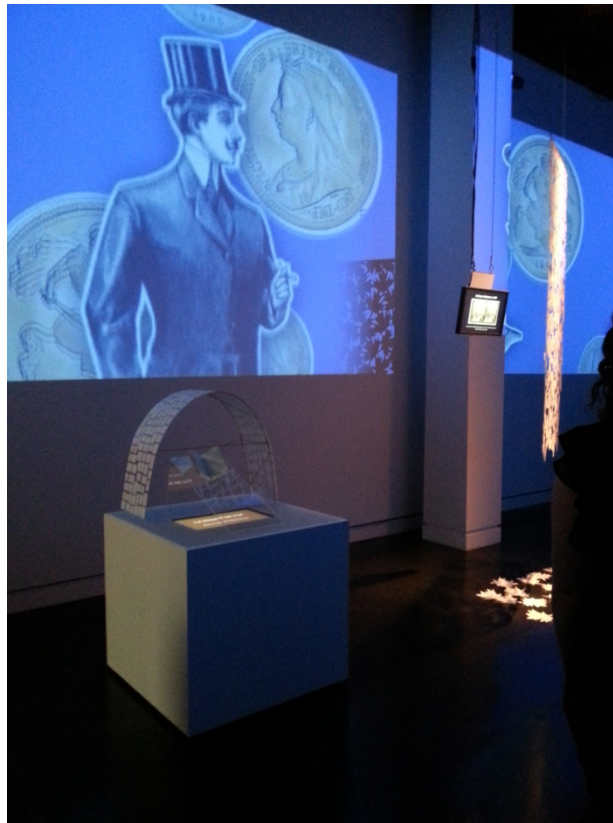


Foto de Nádia Maria Weber Santos. Sala de exposição. Exposição « La Route de Soi ». 9 de maio de 2013. LAMIC, Université Laval.

Em sua opinião, como a “escrita de si” se revela enquanto portadora de significado coletivo de uma determinada época?

Não sou especialista nesta questão, como Catherine o é. Nesse projeto, meu mandato foi principalmente desenvolver uma proposição museográfica que permitisse valorizar este material que entra habitualmente na categoria de arquivos escritos ou manuscritos. Nós tentamos aqui tratá-los de forma diferente, como artefatos em um museu. Esta palavra escrita torna-se, assim, um documento, um testemunho quase material que iria permitir revelar um

traço de cultura. Enquanto etnomuseólogo, eu sou particularmente sensível a isto e eu via aí uma matéria eloquente que precisava ser traduzida em um espaço de exposição para ser melhor comunicada e foi isto que fizemos com a realização da exposição « La Route de Soi ». A re-oralização desta palavra tornava-se, então, um desafio de comunicação e nós quisemos reinscrever esta palavra, que se dirigia, na base, ao círculo íntimo de Anne-Marie Palardy, em seu contexto de origem, para desta vez torná-la pública, cem anos mais tarde.

Resumidamente, quais foram os passos da pesquisa? Em outras palavras, qual foi a trajetória da pesquisa no sentido da “patrimonialização” deste material? De que forma se deu a concepção do espaço museal e do roteiro expográfico, a fim de que os elementos multimídia se integrassem na museografia?

Primeiramente nós elaboramos um esquema de conjunto daquilo que deveria ser comunicado na exposição a partir de uma leitura bem atual destes Diários : Anne-Marie Palardy, uma mulher cultivada, emancipada e aberta para e sobre o mundo. Uma gama de valores muito contemporâneos que interessam, aliás, aos públicos de hoje. Com base neste núcleo temático, procedemos a uma seleção de textos (40 páginas sobre um montante aproximado de 300 páginas), que davam conta de forma marcante dos traços culturais de Anne-Marie Palardy. Depois desta seleção, nós identificamos sete temas que pudessem ser desenvolvidos por estudantes inscritos em meu seminário « Valorização dos Patrimônios » : a viagem, a natureza, a vida cultural na Europa, a comparação Europa-América, a moda de vestuário, a religião e a nostalgia. O que, ao final, permitiu-nos elaborar sete ilhas temáticas que iam nos revelar a personalidade profunda de Anne-Marie Palardy, uma mulher moderna na frente de seu tempo, em certa medida. Uma vez o trabalho dividido em tantas zonas, era necessário « Mettre en scène » (cenografar) toda este material, com a ajuda de artistas, Julie Picard, escultora, e Olivier Breton, videasta, que traduziram no espaço o trabalho dos estudantes. Um contexto nos era, enfim, revelado pela pesquisa de cada estudante que devia desenvolver uma narrativa, uma história, de cerca de quatro minutos. Um caleidoscópio de imagens e sons com a narração das « palavras escritas » de Anne-Marie Palardy constituía a matéria que nós íamos afinal patrimonializar. Era necessário fazê-lo com todo respeito às pessoas e sua época. Uma abordagem artística, que misturava imagens e sons com esculturas, poderia, de acordo com nosso pensar, responder adquadamente à essa necessidade. Eu acredito que sobre este ponto de história cultural, nós conseguimos.



Foto de Nádia Maria Weber Santos. Sala de exposição. Exposição « La Route de Soi ». 9 de maio de 2013. LAMIC, Université Laval

Na palestra de apresentação da exposição, foi falado em “revalorização ou retorno do feminino”. Como isto se deu ao lidar com este material?

Atualizando a escrita de uma mulher do século anterior (nascida em 1871 e falecida em 1928), nós queríamos um pouco ingenuamente encontrar as raízes de um feminismo quebequense embrionário. Uma espécie de gênese apolítica, mas altamente cultural, a propósito desta esposa de industrial burguês, que sabia lançar um outro olhar sobre o mundo circundante. De fato, nós tínhamos uma chance extraordinária de revisitar este período com o olhar de uma mulher crítica face a seu próprio meio e sobretudo aquele para o qual ela partiu para descobrir na Europa por sete vezes, entre 1907 e 1923. Este « retorno do feminino » não é anódino, sobretudo hoje, quando uma grande maioria de Quebequenses goza de uma liberdade completa que foi conquistada pelo combate e audácia das gerações precedentes – e elas são perfeitamente conscientes disto. Este panorama que a exposição nos oferece é precioso do ponto de vista da História Cultural do Québec, a partir deste espelhamento com a Europa, e nós entendemos de bem o aproveitar. Nossa intenção era, basicamente, de sair do conveniente, para revisitar a história recente e tentar compreender, através dos ricos comentários de Anne-Marie Palardy, aquilo que se podia viver em uma época que nos parece,

com o olhar de hoje, um pouco limitada pela religião e pela tradição de uma herança francesa ancestral. Era preciso, pois, poder superar esta leitura do passado e uma releitura dos diários-cartas de Anne-Marie Palardy permitia, de repente, uma nova interpretação deste pedaço da história fundadora da modernidade quebequense.



Foto de Nádía Maria Weber Santos. Sala de exposição. Exposição « La Route de Soi ». 9 de maio de 2013. LAMIC, Université Laval

Pensando na “cronologia em três tempos” desta pesquisa, qual foi a etapa mais significativa e, resumidamente, como se deu a “mise en musée” deste rico material sobre “escrita de si”?

Ao oferecer três tempos de leitura de um mesmo assunto através dos modos museográficos – *in vitro*, *in situ*, *in vivo* – nós queríamos dar conta das diferentes possibilidades de olhares que estão ao nosso alcance. Em primeiro lugar, o modo clássico do museu onde a vitrine (*in vitro*) permanece o dispositivo por excelência, por apresentar aí um assunto/objeto. Desde a entrada da exposição, podia-se constatar os limites que nos impõe esse modo de apresentação, onde o objeto está no coração, no centro da exposição. No caso que nos ocupa, os únicos *souvenirs* que Anne-Marie Palardy tinha trazido de suas numerosas viagens podiam servir de testemunhos. Com este primeiro nível de leitura, a demonstração

não era evidentemente conclusiva. Para desenvolver um propósito mais coerente, nós acrescentamos na grande sala de exposição (EXPOLAB) a re-oralização das palavras escritas, mas desta vez cenografada e distribuída através de sete ilhotas temáticas, onde a referência ao tempo e ao lugar domina (*in situ*). Essa releitura permite aos visitantes de se apropriarem deste material, onde os contextos histórico e geográfico jogam a favor de uma melhor apreensão de conjunto disto que Anne-Marie Palardy conta em seus diários-cartas. Trata-se, aí, de uma verdadeira viagem no tempo e no espaço, que ela remete em seus escritos pessoais. Enfim, nós queríamos a todo custo inscrever no presente esta realidade partencente hoje ao passado, aí onde nosso olhar atrai, finalmente, seu ponto de vista. É, assim, com a ajuda da performance de uma artista, Anick Martel, que conseguimos fazer esta realidade viva (*in vivo*). [Esta performance aconteceu ao final do lançamento da exposição, no EXPOLAB] Com efeito, através de sua performance artística, nós conseguimos reinterpretar os escritos de Anne-Marie Palardy, dar-lhe um « envelope », uma aura mais atual. Ela soube fazer desta « palavra escrita » um desafio bem atual através das emoções e dos valores perfeitamente contemporâneos. É, portanto, sobre esses três modos que nós quisemos dar conta de uma matéria que atravessa o tempo para, enfim, chegar até nós.

Entrevista original em Francês (Tradução de Nádia Maria Weber Santos)

Comment s'est faite la découverte de ce riche matériel qui contient, entre autres, le journal de voyage de la Québécoise Anne-Marie Palardy?

La découverte de ces Journaux-Lettres s'est faite par Internet à travers les recherches de Catherine Bertho Lavenir, spécialiste de la question de la littérature de voyage et l'écriture de soi (*La roue et le stylo, comment nous sommes devenus touristes*, 1999, Odile Jacob) alors qu'elle était chercheuse invitée à l'Université de Montréal en 2006 au titre de titulaire de la Chaire d'étude de la France contemporaine.

[http://www.banq.qc.ca/documents/a_propos_banq/nos_publications/revue_banq/Revue3_banq2011_BR-complet.pdf]. Connaissant Catherine depuis quelques années, puisque nous partageons tous deux de l'intérêt pour la médiologie créée par le philosophe-écrivain Régis Debray, je lui ai offert de l'accompagner à son premier voyage au Saguenay. De là, un petit projet sur la question de « scénographier la parole écrite » est né.



Foto de Nádía Maria Weber Santos. Sala de exposição, lado Direito da sala. Exposição « La Route de Soi ». 9 de maio de 2013. LAMIC, Université Laval.

À votre avis, de quelle façon « l'écriture du soi » se dévoile en tant que porteuse de signification collective d'une époque déterminée ?

Je ne suis pas le spécialiste de cette question alors que ma collègue CBL l'est. Dans ce projet, mon mandat a été plutôt de développer une proposition muséographique qui allait permettre de valoriser ce matériel qui entre habituellement dans la catégorie des archives écrites ou manuscrites. Nous avons ici tenté de les traiter différemment, soit comme des artefacts dans un musée. Cette parole écrite devient du coup un document, un témoin presque matériel qui allait permettre de révéler un trait de culture. En tant qu'ethno-muséologue, j'y étais particulièrement sensible et je voyais là une matière éloquente qu'il fallait traduire dans un espace d'exposition pour mieux la communiquer et c'est ce que nous avons fait avec la réalisation de l'exposition « La Route de Soi ». La ré-oralisation de cette parole devenait alors un enjeu de communication et nous avons voulu réinscrire cette parole qui s'adressait à la base au cercle intime d'Anne-Marie Palardy dans son contexte d'origine pour la rendre cette fois public, cent ans plus tard en somme.

En résumé, quelles ont été les étapes de la recherche ? En d'autres mots, quelle a été la trajectoire de la recherche dans le sens de la « patrimonialisation » de ce matériel ? Comment s'est faite la conception de l'espace muséal et du circuit expographique, pour que les éléments multimédia s'assimilent à la muséographie ?

Nous avons tout d'abord dressé un schéma d'ensemble de ce qui devait être communiqué dans l'exposition à partir d'une lecture très actuelle de ces journaux: Anne-Marie Palardy, la femme cultivée, émancipée et ouverte sur le monde. Une gamme de valeurs très contemporaines qui intéressent d'ailleurs les publics d'aujourd'hui. Sur la base de ce noyau thématique, nous avons procédé à une sélection des textes (40 pages sur un possible de 300 pages) qui rendaient compte de façon marquée des traits culturels d'Anne-Marie Palardy. Puis, de cette sélection, nous avons identifié sept (7) thèmes qui pouvaient être développés par autant d'étudiant(e)s inscrit(e)s à mon séminaire « Mise en valeur des patrimoines » : le voyage, la nature, la vie culturelle en Europe, la comparaison Europe-Amérique, la mode vestimentaire, la religion et la nostalgie. Ce qui au final a permis d'élaborer sept îlots thématiques qui allaient nous révéler la personnalité profonde d'Anne-Marie Palardy, une moderne avant son temps en quelque sorte. Une fois le travail divisé en autant de zones, il fallait mettre en scène toute cette matière avec l'aide d'artistes, Julie Picard, sculpteure, et Olivier Breton, vidéaste, qui ont traduit dans l'espace le travail des étudiantes. Un contexte nous était enfin révélé par la recherche de chaque étudiante qui devait développer un récit de quatre minutes environ. Un kaléidoscope d'images et de sons avec la narration des «paroles écrites» d'Anne-Marie Palardy constituait la matière que nous allions somme toute patrimonialiser au bout du compte. Il fallait le faire en tout respect des personnes et de leur époque. Une approche « artistique » qui mélangeait images et sons avec des sculptures de papier allait pouvoir, selon nous, répondre adéquatement à ce besoin. Je crois que sur ce point d'histoire culturelle, nous avons réussi.

Lors de la conférence de présentation de l'exposition, on a parlé de « revalorisation ou retour du féminin ». Comment ceci s'est fait en travaillant avec ce matériel ?

En remettant à jour l'écriture d'une femme du siècle dernier (née en 1871- décédée en 1928), nous voulions un peu naïvement retrouver les racines d'un féminisme québécois embryonnaire. Une sorte de genèse apolitique mais hautement culturelle à propos de cette femme d'industriel bourgeois qui savait jeter un autre regard sur le monde environnant. De fait, nous avons une chance extraordinaire de revisiter cette période avec le regard d'une femme critique face à son propre milieu et surtout celui qu'elle est partie découvrir en Europe

à sept reprises entre 1907 et 1923. Ce « retour du féminin » n'est pas anodin, surtout aujourd'hui où une très grande majorité de Québécoises jouissent d'une liberté complète qui a été conquise par le combat et l'audace des générations précédentes et elles en sont parfaitement conscientes. Ce tour d'horizon que nous offre l'exposition est précieux du point de vue de l'histoire culturelle du Québec avec cette mise en miroir avec l'Europe et nous entendions bien pouvoir en profiter. Notre intention à la base était de sortir du convenu pour revisiter l'histoire récente et tenter de comprendre à travers les riches commentaires d'Anne-Marie Palardy ce qui pouvait se vivre à une époque qui nous paraît, avec le regard d'aujourd'hui, quelque peu engoncée par la religion et la tradition d'un héritage français ancestral. Il fallait donc pouvoir dépasser cette lecture du passé et une relecture des journaux-lettres d'Anne-Marie Palardy permettait tout à coup une nouvelle interprétation de cette tranche d'histoire fondatrice de la modernité québécoise.

En pensant à la « chronologie en trois temps » de cette recherche, quelle a été l'étape la plus significative, bref, comme s'est faite la « mise en musée » de ce riche matériel sur « l'écriture du soi » ?

En offrant trois temps de lecture d'un même sujet à travers les modes muséographiques_ *in vitro*, *in situ*, *in vivo*_, nous voulions rendre compte des différentes possibilités de regards qui sont à notre portée. D'abord le mode classique du musée où la vitrine (*in vitro*) demeure le dispositif par excellence pour y présenter un sujet/objet. Dès l'entrée de l'exposition, on pouvait constater les limites que nous impose ce mode de présentation où l'objet est au cœur, au centre de l'exposition. Dans le cas qui nous occupe, les seuls souvenirs qu'avait rapportés Anne-Marie Palardy de ses nombreux voyages pouvaient servir ici de témoins. Avec ce premier niveau de lecture, la démonstration n'était évidemment pas concluante. Pour développer un propos plus cohérent, nous avons ajouté dans la grande salle d'exposition (EXPOLAB) la ré-oralisation des paroles écrites, mais cette fois scénographiée et déployée à travers les sept îlots thématiques où la référence au temps et au lieu domine (*in situ*). Cette relecture permet aux visiteurs de s'approprier cette matière où les contextes historique et géographique jouent à la faveur d'une meilleure saisie d'ensemble de ce que raconte Anne-Marie Palardy dans ses journaux-lettres. Il s'agit là d'un véritable voyage dans le temps et dans l'espace qu'elle rapporte dans ses écrits personnels. Enfin, nous voulions à tout prix inscrire cette réalité appartenant aujourd'hui au passé dans l'actuel, là où notre regard tire son point de vue finalement. C'est donc à l'aide de la performance d'une artiste, Anick Martel, que nous sommes parvenus à rendre cette réalité vivante (*in vivo*). En effet, à travers sa performance d'artiste, nous avons pu réinterpréter les écrits d'Anne-Marie

Palardy, lui donner une ‘enveloppe’, une aura plus actuelle. Elle a su faire de cette ‘parole écrite’ un enjeu bien actuel à travers des émotions et des valeurs parfaitement contemporaines. C’est donc sur ces trois modes que nous avons voulu rendre compte d’une matière qui traverse le temps pour enfin se rendre jusqu’à nous.



Foto de Nádia Maria Weber Santos. Sala de exposição, lado Esquerdo da sala. Exposição « La Route de Soi ». 9 de maio de 2013. LAMIC, Université Laval.